

TEDDY BEAR HOSPITAL: O CONTATO DA CRIANÇA COM O FUTURO MÉDICO

NATHALIA HELBIG DIAS¹; DAIANI BEDUHN²; LUÍSA BARIN MENEZES³;
CRISTIANE HALLAL⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – helbginathalia@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– daiani.beduhn@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas– barin.luisa@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – cris.hallal@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O ambiente hospitalar costuma ser considerado hostil para adultos e crianças. A presença da enfermidade associada a procedimentos e situações pouco familiares pode gerar um estresse físico e emocional. As crianças hospitalizadas encontram-se vulneráveis, pois estão doentes e imersas em um universo estranho. Além disso, elas têm a sua rotina alterada e a sua intimidade invadida por pessoas estranhas que realizam procedimentos que não conhecem. Vivências negativas adquiridas no ambiente hospitalar, como dor física e ansiedade pelo desconhecido, são capazes de gerar memórias desagradáveis que poderão ser revividas em hospitalizações posteriores.

O brincar, de uma forma geral, constitui um dos melhores canais de comunicação para a criança. BENTO (2007) defende que “o lúdico contribui para a expansão mental, à medida que estimula a criança a experimentar e passar emoções, sentimentos, desejos, fantasias e representar papéis sociais”. Uma abordagem lúdica da relação médico/paciente e da realização de procedimentos médicos contribui para uma melhor elaboração da imagem do contexto hospitalar, da equipe de saúde e dos procedimentos a que as crianças são submetidas (RODRIGUES, 2013). A criação de uma atmosfera de confiança onde a criança, com a sua sensibilidade e criatividade, pode tratar as questões relacionadas ao adoecer de forma mais adequada, permite que ela sinta-se mais segura e preparada para lidar com futuros procedimentos médicos.

O médico possui um papel importante na relação médico/“pequeno” paciente. A construção de um vínculo de confiança com a criança contribui para uma relação mais estreita, maior adesão ao tratamento e melhores resultados terapêuticos (TATES; MEEUWESSEN, 2001; O’KEEFE, 2001; CROSSLEY; DAVIES, 2005). O bem estar da criança em uma consulta ou hospitalização requer, antes de tudo, a aproximação entre ela e o profissional de saúde para que ambos construam entre si confiança, intimidade, familiaridade e vínculo (QUEIROZ; JORGE, 2006).

O projeto “Teddy Bear Hospital” foi criado na Áustria, pelo Comitê Local do “International Federation of Medical Students Association”. Trata-se de um projeto realizado por estudantes de medicina, em parceria com escolas de educação infantil, creches e orfanatos, em que situações médicas (consulta, exames médicos, cirurgias e outros procedimentos) são criadas e trabalhadas com as crianças de forma lúdica utilizando ursos de pelúcia. Na década de 1990, o projeto foi trazido ao Brasil pelo Comitê Local do “International Federation of Londrina Medical Students” da Faculdade de Medicina de Marília. Em 2011, foi instituído em Pelotas, por intermédio do “Standing Committee on Public Health” da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O projeto “Teddy Bear Hospital” tem como objetivo familiarizar a criança com o ambiente médico de forma lúdica, no intuito de reduzir o medo e a

ansiedade diante de situações estressantes vividas em consultas e procedimentos médicos.

O objetivo do presente trabalho é apresentar o projeto “Teddy Bear Hospital”-Pelotas à comunidade acadêmica e descrever a experiência adquirida pelo grupo nos cinco anos de trabalho.

2. METODOLOGIA

O grupo do “Teddy Bear Hospital” – Pelotas é composto por alunos de medicina da UFPel e da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Os alunos selecionados participaram de treinamento ministrado por um médico pediatra e um psicólogo especialista em pediatria, recebendo orientações quanto à consulta pediátrica, higiene e saúde da criança. Os ingressantes também receberam treinamento realizado pelas coordenadoras do projeto, em que a dinâmica das atividades foi apresentada com vídeos ilustrativos e imagens de edições anteriores.

As oficinas foram realizadas com crianças entre 3 a 7 anos, pertencentes a escolas públicas e privadas da cidade de Pelotas. O primeiro contato com as escolas foi realizado pelas coordenadoras do projeto, mediante uma reunião com a coordenação pedagógica da escola, onde o projeto foi apresentado e as atividades de oficina explicitadas. Logo após, as escolas receberam material explicativo sobre o projeto, que era anexado às agendas das crianças para o conhecimento e autorização dos pais. Após a autorização da escola e dos pais, a escola era visitada pelo grupo para a realização da oficina. Nas escolas particulares foi sugerido que cada criança levasse dois ursos de pelúcia. Um dos ursos foi utilizado na oficina e o outro doado para a realização da oficina em uma escola pública.

As oficinas foram compostas por um circuito de atividades. Primeiramente, foi simulada uma consulta médica pediátrica, em que: o integrante do projeto era o médico, o urso era o “paciente” e a criança era o responsável, que descrevia os sintomas apresentados pelo “paciente”. A seguir, eram realizados “exames radiológicos” (tomografia computadorizada e raio-X) dos pacientes e cada criança recebeu como recordação um desenho impresso do raio-X do seu urso (Figura 1). Então, os ursos foram encaminhados para cirurgia. As crianças colocavam-no em um leito hospitalar e instalavam “soro” nele. Na sequência, as crianças foram orientadas a lavar as mãos (ênfase na importância desse hábito), e a colocar roupas, máscaras e luvas cirúrgicas. A “cirurgia” era realizada utilizando um grande urso de pelúcia (urso Teddy) com uma abertura ventral (fechada por velcro) e todos os órgãos mimetizando os órgãos do corpo humano (de pelúcia). Durante a cirurgia era simulada a anestesia com uma seringa, explicando que o urso iria dormir e não sentiria dor. As crianças podiam manusear as seringas, aplicar a “anestesia” e manusear os “órgãos” do urso. Ao fim da cirurgia, as roupas, máscaras e luvas eram retiradas e os ursos recolhidos dos leitos e levados à sala de enfermagem. Na sala de enfermagem eram realizados curativos e medicações nos ursos, explicando para as crianças a importância da vacinação e do uso (e riscos) de medicações.

As crianças cumpriam o circuito em grupos de quatro e as demais permaneciam na sala de aula com a professora, realizando atividades de colorir desenhos sobre hábitos saudáveis de higiene e alimentação. Durante o circuito, um integrante do projeto vestia a fantasia de Urso Teddy e interagia com as crianças. As maquetes de raio-x, tomografia computadorizada, leito hospitalar e soro foram confeccionadas a partir de material reciclado. Ao final do circuito de atividades foi realizada uma avaliação do projeto pelas crianças e pelos alunos participantes.



Figura 1. Raio-X de ursos de pelúcia entregues às crianças participantes do projeto. Pelotas, 2016

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a implantação do Projeto “Teddy Bear Hospital” – Pelotas, em 2011, foram visitadas 22 escolas (sendo 11 escolas públicas e 11 escolas particulares) e cerca de 600 crianças participaram das oficinas. Desde o primeiro momento, as crianças mostravam-se curiosas e entusiasmadas com os materiais apresentados. Poucas pareciam tímidas e evitavam conversar durante as atividades iniciais, mas no final do processo, todas as crianças apresentavam-se participativas, interagindo com os integrantes do projeto. Na avaliação final, todas expressavam o desejo de participar novamente da oficina.

Durante a “consulta médica” foi proporcionado um canal para um contato mais estreito com a criança e o seu imaginário. As atividades com o urso permitiam que a criança fosse familiarizada com a figura do médico e com procedimentos médicos, como injeção, curativos, terapia endovenosa, hospitalização e cirurgias. A atividade lúdica que incentive a criança a refletir sobre os seus medos e angústias em situações estressantes, desconstruindo suas idéias pré-concebidas e medos fantasiosos, pode ajudar as crianças a superar suas dificuldades em circunstâncias reais (RODRIGUES, 2013). Durante as oficinas, as crianças também aprenderam sobre a importância de cuidar da própria saúde como forma de prevenção de doenças relacionadas aos maus hábitos de higiene e alimentação. As oficinas desempenharam ainda um papel social na doação de ursos de pelúcia para crianças carentes.

Os alunos participantes do projeto cursavam os anos iniciais da faculdade de medicina e não tinham experiência com atendimento pediátrico. As oficinas ofereceram a eles a oportunidade de relacionarem-se com o mundo infantil. Na avaliação do projeto todos os alunos referiram ter adquirido maior confiança para relacionarem-se com crianças, principalmente em uma situação considerada hostil como a necessidade de procedimento médico. O Projeto “Teddy Bear Hospital” –

Pelotas também possui papel na integração entre os estudantes. O grupo era composto por alunos da UFPel desde sua implantação. Entretanto, a partir de 2016, alunos da UCPel passaram também a participar do grupo.

A cada ano o projeto passa por mudanças e melhorias. Nas próximas oficinas pretende-se incluir outros procedimentos médicos, como medida de pressão arterial, medidas antropométricas e nebulização.

4. CONCLUSÕES

O projeto “Teddy Bear Hospital” – Pelotas apresentou às crianças visitas situações médicas consideradas estressantes de uma forma lúdica. Acredita-se que a vivência dessas experiências sob a forma de brincadeiras poderá contribuir positivamente na sua elaboração, tornando as crianças mais seguras e preparadas para lidar com consultas, procedimentos médicos e hospitalizações futuras. É um projeto de fácil organização e poucos recursos financeiros podem modificar uma realidade de forma simples, mostrando que pequenas ações podem gerar grandes resultados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, A. M. **A psicopedagogia do Lúdico para Crianças de 3 a 12 anos: Uma Atuação Prática pelo Professor em Caso de Acidentes**. Rio de Janeiro: Clioart, 2007.

CROSSLEY, J.; DAVIES, H. Doctors' consultations with children and their parents: a model of competencies, outcomes and confounding influences. **Med. Educ.**, Oxford, v.39, n.8, p.807-819, 2005.

O'KEEFE, M. Should parents assess the interpersonal skills of doctors who treat their children? A literature review. **J. Paediatr. Child Health**, Melbourne, v.37, n.6, p.531- 538, 2001.

QUEIROZ, M. V.; JORGE, M. S. Health education strategies and the quality of care and teaching in pediatrics: interaction, connection and trust in professional discourse. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.10, n.19, p.117-30, 2006.

RODRIGUES, C. **Importância do Lúdico no Impacto Psicológico da Hospitalização Infantil Estudo no Hospital Regional Santiago Norte**. 2013. Monografia (Licenciatura em Psicologia Clínica e da Saúde). Graduação, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde.

TATES, K.; MEEUWESSEN, L. Doctor parent-child communication: a (re)view of the literature. **Soc. Sci. Med.**, Oxford, v.52, n.6, p.839-851, 2001.